

I

Manter uma **mente aberta** é um requisito essencial para o **pensamento crítico**. Eu falo frequentemente de **radical openness** porque tornou-se claro para mim, depois de passar anos em ambientes acadêmicos, que era muito fácil tornarmo-nos apegadas e protectoras dos nossos próprios pontos de vista. Grande parte do treino académico **encoraja as professoras a assumir que devem estar sempre “certas”**. Em vez disso, proponho que as professoras devam estar sempre abertas, e que devamos estar **dispostas a reconhecer o que não sabemos**. Um compromisso radical com a abertura mantém a **integridade do processo de pensamento crítico** e o seu papel central na educação. Este compromisso requer muita coragem e imaginação.

bell hooks, *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom* (2010), p. 10

4 pensamento crítico, desconforto e transformação

II

Questionar os nossos **pressupostos e privilégios**, seja numa sala de aula de design ou em qualquer outra, não é fácil. Discutir a forma como as **estruturas de opressão interligadas** afectam os nossos corpos, vidas e práticas suscita frequentemente emoções de **medo, raiva e resistência**. [...] o esforço de **examinar criticamente os nossos valores e crenças prezadas** pode levar a experiências “desconfortáveis” tanto para as educadoras como para as alunas. Este processo de **sair da nossa posição** [...] definida por fronteiras opressivas de raça, género ou classe é difícil, muitas vezes doloroso, mas abre um **espaço de potencial para a mudança** – tal como expresso pela ativista feminista e escritora bell hooks – “um espaço onde há acesso ilimitado ao prazer e ao poder de saber, onde a **transformação é possível**”.

Griselda Flesler, Anja Neidhardt & Maya Ober,
“Not a Toolkit: A Conversation on the Discomfort of Feminist Design Pedagogy”, p. 205
Design Struggles: Intersecting Histories, Pedagogies, and Perspectives (2021)

4 pensamento crítico, desconforto e transformação

III

Um dos papéis da **teoria crítica** é examinar a vida quotidiana, perguntar como determinadas **normas, hegemonias e in/exclusões são construídas e (re)produzidas**. As práticas da **historiografia crítica** colocam essas questões ao passado e os **estudos críticos do futuro** interrogam o futuro. Além disso, as **modalidades críticas feministas** exploram explicitamente a forma como as coisas poderiam ser de outra forma. [...] Agora é o momento para essa **criticalidade no ensino do design**, para identificar o que poderia e deveria ser diferente, de aspirar e agir em direcção ao nosso **futuro desejado**.

Ramia Mazé, “Design Education Futures: Reflections on Feminist Modes and Politics”, p. 259
Design Struggles: Intersecting Histories, Pedagogies, and Perspectives (2021)

4 modos de crítica institucional